

Um estudo metafórico do repertório terminológico da manifestação religiosa maranhense Tambor de Mina

A metaphorical study of the terminological repertoire of the Maranhão religious manifestation Tambor de Mina

Theciana Silva Silveira*

Universidade Federal do Maranhão

Henrique Adriano Moraes Lima**

Universidade Federal do Maranhão

Laís de Paula Freitas Carvalhêdo Nogueira***

Universidade Federal do Maranhão

Laíze Oliveira Ferreira****

Universidade Federal do Maranhão

Resumo: Este trabalho objetiva analisar as metáforas terminológicas da manifestação religiosa maranhense Tambor de Mina. Nesse sentido, tomou-se como base trabalhos na área do Tambor de Mina, sobretudo os trabalhos de Ferretti (2012; 2025); na área da Terminologia, com base na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), de Cabré (1995, 1999); e, na área da metáfora, a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), de Lakoff e Johnson (1980). Como procedimentos metodológicos, foram selecionados trabalhos científicos que versam sobre o Tambor de Mina praticado no Maranhão e o Glossário do Tambor de Mina. Para análise, foram selecionados os seguintes termos metafóricos: 'baixar', 'cair na mina', 'feitoria', 'joia' e 'puxar'. Com base nas análises, foi possível observar a metáfora como mecanismo cognitivo fundamental, em que se revela um instrumento poderoso na construção de significados em diversos contextos culturais. No universo do Tambor de Mina, em São Luís, a linguagem, rica em simbolismo e tradição, é permeada por metáforas que moldam a compreensão de conceitos religiosos e sociais, conectando o sagrado, o natural e o humano.

Palavras-chave: Metáfora. Terminologia. Tambor de Mina.

Abstract: This study aims to analyze the terminological metaphors of the Maranhão religious manifestation Tambor de Mina. In this regard, works in the field of Tambor de Mina were used as a basis, especially the works of Ferretti (2012; 2025); in the field of Terminology, based on the Communicative Theory of Terminology (TCT) by Cabré (1995, 1999); and in the field of metaphor, the Conceptual Metaphor Theory (TMC) by Lakoff and Johnson (1980). As methodological procedures, scientific works related to Tambor de Mina practiced in Maranhão and the Tambor de Mina Glossary were selected. For analysis, the following metaphorical terms were chosen: 'to lower', 'to fall into the mine', 'factory', 'jewel', and 'to pull'. Based on the analyses, it was possible to observe that metaphor, as a fundamental cognitive mechanism, serves as a powerful tool in constructing meanings across

*Professora Adjunta, Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil; theciana.silveira@ufma.br

**Mestrando em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil; henrique.adriano@discente.ufma.br

***Mestranda em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil; lais.carvalhedo@discente.ufma.br

****Mestranda em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, Brasil; laize.oliveira@discente.ufma.br

various cultural contexts. In the world of Tambor de Mina in São Luís, the language—rich in symbolism and tradition—is permeated by metaphors that shape the understanding of religious and social concepts, connecting the sacred, the natural, and the human.

Keywords: Metaphor. Terminology. Tambor de Mina.

1 INTRODUÇÃO

O Tambor de Mina é uma das mais importantes e ricas tradições culturais e religiosas afro-brasileiras, especialmente no Maranhão, onde tem sua maior expressão. Sua importância vai muito além da religião em si, abrangendo aspectos culturais, sociais e históricos. O Tambor de Mina, assim como outras religiões afro-brasileiras, utiliza uma linguagem rica em símbolos, metáforas e rituais. O tambor em si é um dos principais símbolos da prática religiosa, representando a comunicação entre o humano e o divino, entre o material e o espiritual. Considerando essa realidade, este estudo busca compreender o universo da manifestação religiosa Tambor de Mina, praticada no estado do Maranhão, por meio das metáforas utilizadas para representar entidades desse universo.

Entendemos a unidade lexical/termo de suma importância para a compreensão da celebração de matriz africana nas perspectivas terminológicas e metafóricas da língua em uso pelos praticantes e pelos frequentadores dos terreiros de Mina. Embora já existam pesquisas sobre o Tambor de Mina do Maranhão, ainda não há, no âmbito linguístico, pesquisas que envolvam o estudo da Metáfora Conceptual aplicado à celebração de matriz africana. Há, até onde pudemos averiguar, o ‘Glossário do Tambor de Mina’, elaborado por Silva (2009), fruto de sua dissertação de mestrado. Por esse motivo, esperamos que a construção de todas as ideias deste estudo contribua para corroborar a melhor compreensão desse universo sob o viés da metáfora conceitual.

O universo do Tambor de Mina, sob esse novo prisma, permite compreender como essa prática transcende o mundo físico e se insere em um domínio simbólico profundamente enraizado nas crenças e nas experiências espirituais. As metáforas, nesse sentido, servem para expressar aspectos do mundo invisível, da interação entre humanos e entidades espirituais, e da busca pela transcendência e renovação espiritual. O Tambor de Mina é uma prática em que muitos elementos se cruzam. De acordo com Silva (2009, p. 77), esses elementos podem ser divididos nos seguintes campos semânticos: ‘panteão’ (termos relacionados às divindades cultuadas no Tambor de Mina), ‘cargos e funções especializadas’, ‘espaços’ (espaços em que são realizadas as festas e rituais), ‘objetos’ (objetos rituais utilizados), ‘indumentárias’, ‘instrumentos’, ‘festa e rituais’ e ‘outros elementos’ (que compreendem ações, elementos da culinária *etc.*). Todos esses elementos formam um rico repertório terminológico, em que o uso de metáforas ajuda a compreender a experiência religiosa e cultural dos envolvidos, porque, antes de serem linguísticas, essas metáforas fazem parte do pensamento humano; portanto, são reflexo das experiências cognitivas dos indivíduos.

Para melhor compreensão, este trabalho está estruturado da seguinte forma: (i) Tambor de Mina, em que são apresentadas as noções sobre a celebração religiosa, sobretudo com base nos trabalhos de Ferretti (2012, 2025) acerca da visão social e antropológica do Tambor de Mina; (ii) Fundamentação Teórica, pautada nos

FLP 27(1)

pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), apresentados, principalmente, por Cabré (1995, 1999) e acerca da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), difundida por Lakoff e Johnson (1980, 2015); (iii) Procedimentos Metodológicos, em que discorremos sobre o percurso realizado desde a pesquisa bibliográfica até a escolha dos termos analisados; (iv) Análise das metáforas do Tambor de Mina; e, por fim, as considerações finais.

2 TAMBOR DE MINA: BREVES NOÇÕES SOBRE A CELEBRAÇÃO RELIGIOSA

O Brasil é considerado um país multicultural e contempla uma diversidade de festividades artísticas, culturais e religiosas. Cada região revela traços da fundação de seu território e conserva a riqueza cultural deixada pelos povos primitivos e de matriz africana. Isso pode ser observado na contemporaneidade, no que tange a danças, encenações, rituais e sincretismos religiosos. Nesse cenário, destacamos o Tambor de Mina, religião bastante praticada no Maranhão.

O Tambor de Mina tem um perfil muito diferente de outras manifestações da religião afro-brasileira, sobretudo, em se tratando de liderança dos terreiros. Nesses espaços, quem tem a posição de comandar e entrar em transe são as mulheres. Para Mundicarmo Maria Ferretti, em texto publicado acerca da posição e representação da mulher no Tambor de Mina, a pesquisadora elucida que

No tambor de mina – manifestação da religião afro-brasileira típica do Maranhão é predominante no norte do Brasil – a mulher é maioria, tanto como médium de incorporação, quanto na chefia dos terreiros. Esta posição, apesar de maior nos terreiros antigos (que vem do século passado) é também observada em terreiros mais novos, onde a mina costuma coexistir com outros sistemas religiosos como: cura ou pajelança, mesa branca (kardecista), umbanda e o candomblé (Ferretti, 2025, p. 33).

FLP 27(1)

A partir desse conceito, logo se observa a experiência no nível espiritual que envolve o indivíduo em receber as entidades espirituais. Entretanto, no Tambor de Mina, apenas as mulheres assumem a posição de desdobramento ou de transe, para que haja a manifestação espiritual dessas entidades. Como uma das características principais dos rituais é a prática do transe, somente elas dançam tambor, enquanto os homens tocam o instrumento ao passo que ocorre a incorporação. Nesse cenário, é interessante ressaltar que, embora haja liderança feminina, os chefes espirituais são entidades masculinas e é, igualmente, observado por Ferretti.

A posição das entidades espirituais femininas nos terreiros de mina da capital maranhense parece, no entanto, inferior à das masculinas, sejam elas vodum, orixá, gentil (nobre associado a orixá) ou caboclo. Além delas serem numericamente inferiores e de, geralmente, permanecerem “em terra” por menos tempo que as masculinas, as entidades femininas não são recebidas em todos os rituais, e poucas são “donas” de terreiro ou da cabeça dos filhos-de-santo (Ferretti, 2025, p. 33).

Outros dois elementos também são fortemente utilizados nas celebrações, isto é, a música e a dança. Juntos são marcados pela energia, a qual evoca a ancestralidade africana e dá ritmos à condução da manifestação.

Historicamente, o Maranhão foi um dos estados que mais concentrou a mão

de obra africana, sobretudo, no século XIX. Anos depois, na década de 30, um grupo com o compromisso de documentar os festejos do folclore brasileiro, bem como as manifestações artísticas e culturais existentes no país, chegou a São Luís. Sob o nome de Missão de Pesquisas Folclóricas, documentou o Tambor de Mina do Terreiro Fé em Deus, de Maximiana, como uma festividade com muitas semelhanças ao Tambor de Crioula. Em outra pesquisa acerca dos registros da Missão Folclórica no Maranhão, Ferretti considera a religião hegemônica e de não-exclusividade de terras maranhenses.

Tambor-de-Mina, ou simplesmente Mina, é uma denominação da religião afro-brasileira surgida no Século XIX, na capital maranhense, onde continua sendo hegemônica. Além de muito difundida no Pará, é encontrada em outros Estados do Norte e do Nordeste e em grandes cidades brasileiras (como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília) para onde foi levada principalmente por migrantes do Maranhão e do Pará (Ferretti, 2012, p. 90).

Mesmo com todas essas características, os estudos e o conhecimento do repertório musical tocado nos terreiros só tiveram notoriedade com as publicações de Oneyda Alvarenga, jornalista e pianista considerada, ainda, distante do cânone musical do país. Alvarenga teve como professor o poeta Mário de Andrade, com quem tinha colaborações poéticas e pensamentos similares acerca da valorização de uma identidade brasileira. A folclorista analisou toda a documentação catalogada pela Missão de Pesquisas Folclóricas e, em 1948, foi publicado “[...] um livro com os textos das músicas gravadas em São Luís, com grafia e notas de Oneyda Alvarenga [...]” (Ferretti, 2012, p. 89) pela Discoteca Pública Municipal de São Paulo. Essa compilação foi importante não apenas para catalogar os ritmos e a sonorização das músicas, mas para vivenciar a natureza das celebrações religiosas de Mina. Nesses registros, observamos muitas peculiaridades concernentes ao sincretismo, item já mencionado no início deste estudo, em decorrência das divindades de origem africana, ou melhor, das entidades chamadas de voduns. Elas são comumente associadas aos santos católicos com o intuito de não haver perseguição de cunho religioso. De modo geral, cada vodum é equiparado a um santo da Igreja Católica e são atribuídos a eles perfis, aptidões e traços equivalentes a santos guerreiros, protetores, da fertilidade *etc.* Para Ferretti,

De modo geral o termo ‘vodum’ é usado para designar entidades africanas (jeje, nagô, cambinda), mas pode também ser utilizado para designar entidades nobres (gentis) com nomes em português (como Rei Sebastião, Rainha Rosa, Dom Pedro Angassu) e outras recebidas como senhores (“donas da cabeça”), como ocorre com Caboclo Velho (o índio Sapequara) no terreiro de Mãe Elzita (que, tal como o de Maximiana, é denominado Fé em Deus (Ferretti, 2012, p. 93).

Além disso, o Tambor de Mina também define a identidade cultural de muitos maranhenses, tendo em vista que se trata de uma manifestação popular. Comumente, é associado ao Tambor de Crioula por associação musical e de execução da dança, da disposição dos batedores de tambor e da posição das mulheres no meio da roda. Este último, segundo o dossiê elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é apresentado da seguinte forma:

O Tambor de Crioula do Maranhão, em particular, tem características próprias de execução da música-dança no interior da manifestação, que

FLP 27(1)

também é compreendida como brincadeira. Enquanto os tocadores fazem soar a parelha composta por um tambor grande ou rufador, um meia ou socador e um crivador ou pererenga, os cantadores puxam toadas que são acompanhadas em coro (IPHAN, 2007, p. 13).

Por isso, há certa familiaridade quanto ao instrumento musical. Enquanto no Tambor de Crioula há a organização de itens, tal como é descrita no dossiê, no Tambor de Mina normalmente são utilizados os abatás, acompanhados de instrumentos percussivos e de chocalhos. Ferretti elucida, por exemplo, que no terreiro mais antigo da cidade, a Casa das Minas, “são tocados três tambores de uma só membrana, só se entra em transe com vodum e se canta a noite toda em língua fon” (Ferretti, 2012, p. 92). Já na Casa de Nagô

São tocados dois tambores de duas membranas, suspensos sobre cavaletes – os abatás –, são recebidos e cultuados voduns e orixás, gentis (entidades nobres, como Dom Luís), caboclos, e se canta principalmente em língua africana (Ferretti, 2012, p. 92).

Além dos instrumentos, observa-se a questão das entidades entoadas pelo som e, principalmente, o teor linguístico envolvido nas comunicações espirituais. É sobre esse prisma linguístico do Tambor de Mina que o estudo atual se apoiará, no que concerne às áreas do léxico e de algumas metáforas utilizadas na totalidade da religião descrita a partir das próximas seções do texto.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Considerações acerca da metáfora

FLP 27(1)

A metáfora, como um fenômeno presente em nosso cotidiano, tem sido investigada sob diversas perspectivas. Apesar de na Antiguidade ser considerada apenas como figura de estilo ou de retórica, atualmente é observada como um fenômeno do pensamento que evidencia importantes parâmetros sobre a forma de como compreendemos o mundo, ressoando no uso cotidiano da linguagem.

Considerada como um recurso fundamental de expressão da língua, a metáfora engloba a própria construção do pensamento, que desencadeia na identificação do mundo e das ações humanas. Para isso, não se considera a palavra isolada, mas também, todo o contexto de interação do uso, contrariando o tratamento dado inicialmente, quando lhe era atribuído uma natureza reduzida, como apenas um simples recurso de substituição de palavras. A partir do aprofundamento dos estudos, quando a metáfora se torna objeto sob a óptica cognitiva, é que esses conceitos mais atuais começam a se desenvolver e se constituir como um fenômeno do pensamento.

Dentro da abordagem cognitivista, a metáfora sujeita-se à Linguística Cognitiva, campo de estudos que se direciona à investigação de designação linguística de conceitos abstratos, que possuem maior predisposição à cognição corporificada (Lakoff; Johnson, 1980). A Linguística Cognitiva trouxe, sobre os esquemas metafóricos, a percepção do nível cognitivo que possibilita a abordagem do pensar e do falar a respeito dos mais diversos campos de experiência, dando passagem para a tese da metáfora conceptual. A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), proposta por George Lakoff e Mark Johnson

em seu livro *‘Metaphors We Live By’* (1980), é uma das contribuições mais significativas para a compreensão de como as metáforas moldam o nosso pensamento, linguagem e percepção do mundo. Nesse sentido, os autores afirmam que

Sobre a base da evidência linguística, nós descobrimos que a maior parte do nosso sistema conceitual é de natureza metafórica. E nós encontramos uma forma de identificar detalhadamente quais metáforas estruturam a maneira como percebemos, como pensamos e como agimos (Lakoff; Johnson, 2015, p. 40, tradução nossa).

Com isso, a metáfora é entendida pelos autores como um fenômeno utilizado pelos seres humanos em seu cotidiano, em suas vivências e em suas experiências, envolvendo nossas ações e emoções que, por muito tempo e, para a maioria das pessoas, foi visto como apenas um recurso de imaginação poética, em que afirmam que “[...] a metáfora permeia o cotidiano, não só a linguagem, mas também o pensamento e a ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (Lakoff; Johnson, 1980, 2015, p. 39, tradução nossa). Em outras palavras, as metáforas não se limitam ao uso de palavras e/ou expressões que comparamos com imagens ou ideias, elas estão profundamente vinculadas ao nosso pensamento e ao que experienciamos no nosso cotidiano. Isto é, sofremos influências das metáforas em nossas escolhas linguísticas, mas antes de tudo, e principalmente, elas influenciam como pensamos, sentimos e nos comportamos em situações do dia a dia.

Em consonância a isso, a semântica elucida que os enunciados ativam ou criam cenas cognitivas, sendo as cenas definidas por Fillmore (1975, p. 82) como “experiências do mundo real, ações, objetos, percepções e memórias pessoais”. Dessa forma, a proposta de analisar as metáforas presentes no repertório terminológico afro-religioso, especificamente do Tambor de Mina, em São Luís, é extremamente rica e aponta para um olhar único sobre a construção de significado em um contexto cultural e histórico específico.

Assim, a metáfora, que tradicionalmente era vista como figura de estilo, revelou-se um mecanismo cognitivo fundamental na construção de significados. A Linguística Cognitiva, com sua teoria da metáfora conceitual, demonstra que a linguagem, em grande parte, é estruturada metaforicamente, refletindo nossa experiência corporal e cultural. Fillmore e Baker (2009) explicam que, para a construção de significados, estruturas cognitivas se organizam através da nossa experiência e conhecimento de mundo. Ao serem acionadas por construções linguísticas, essas estruturas podem evocar metáforas e, assim, contribuir para a construção de significados mais complexos e eficientes, uma vez que, na perspectiva cognitiva, as metáforas podem funcionar como uma forma de entendimento dos conceitos que não podemos experimentar diretamente ou que são difíceis de compreender.

Lakoff e Johnson (2015) registram três tipos principais de metáforas que estruturam nosso pensamento e nossa linguagem, são elas: (i) metáforas estruturais, (ii) metáforas orientacionais e (iii) metáforas ontológicas. Cada uma dessas classificações desempenha um papel específico em como usamos as metáforas para compreender o mundo e organizar nossas experiências.

As metáforas estruturais são aquelas em que um conceito abstrato é compreendido em termos de outro conceito, considerado mais concreto; esse outro conceito fornece uma estrutura para o primeiro. Isto é, essas metáforas nos ajudam a dar forma, estrutura e coerência a ideias que são complexas ou abstratas. Vejamos o exemplo “tempo é dinheiro” apresentado pelos autores. Aqui, temos o conceito ‘tempo’ (abstrato) e o conceito metafórico tempo é ‘dinheiro’ (concreto). Em nossa cultura, “tempo é dinheiro” de muitas maneiras: as unidades das chamadas telefônicas, os salários por horas, o preço dos quartos de hotel [...]. Essas práticas são relativamente novas na história da raça humana e em absoluto existem em todas as culturas” (Lakoff; Johnson, 2015, p. 44, tradução nossa).

Já as metáforas orientacionais estão relacionadas à maneira como posições e direções espaciais, como: ‘para cima’, ‘para baixo’, ‘para fora’, ‘para dentro’, ‘esquerda’, ‘direita’. Elas são utilizadas para estruturar nossa compreensão de conceitos abstratos, nos ajudando a entender experiências e sentimentos em termos de direções e/ou localizações. Podemos citar um exemplo do cotidiano como ‘acordar com pé **esquerdo**’, acordar mal, com má sorte. Em nossa cultura, geralmente o que está para esquerda é considerado negativo e o que está para direita é positivo, como podemos contrapor com ‘acordar com pé **direito**’, que significa acordar bem. E, por fim, as metáforas ontológicas dizem respeito a representação de conceitos abstratos como se fossem entidades ou objetos. Elas tratam de abstrações como acontecimentos, atividades, ideias, emoções, como entidades ou coisas, objetos consideráveis mais tangíveis. Essas metáforas ajudam a dar forma e presença a conceitos que, de outra forma, seriam difíceis de perceber ou compreender, como em “a mente é uma máquina”. Nessa metáfora, a mente humana (abstrata) ganha forma ao ser comparada a uma máquina (objeto).

FLP 27(1)

Ao considerar esses diferentes tipos de metáfora, observa-se que cada um oferece modos particulares de estruturar e organizar a experiência humana, seja espacial, temporal ou conceitual. No âmbito de um estudo terminológico, essa diversidade de funções ganha relevância de uma forma específica, pois evidencia como o léxico especializado não apenas nomeia, mas também modela formas de pensar e de agir. É justamente nesse ponto de articulação entre linguagem, cognição e prática social que se situa a presente investigação.

Com base nas considerações acerca da metáfora, é possível compreender que ela não é apenas uma forma de expressar ideias, mas uma forma de conceber e compreender o mundo. A TMC não só evidencia a importância das metáforas na linguagem, mas também desafia a visão tradicional de que a linguagem é uma simples representação da realidade. Eles sugerem que a linguagem é profundamente moldada por nossa estrutura cognitiva e por nossas experiências culturais.

Neste estudo, ao tomarmos como base a TMC para compreender o repertório terminológico do Tambor de Mina, delimitamos nossa análise às metáforas linguísticas, partindo de termos recorrentes nos discursos e práticas rituais (e identificados em glossário terminológico existente). Esse recorte justifica-se pela relevância da metáfora para a constituição do léxico desse universo e por sua função de estruturar conceitualmente práticas e crenças no contexto da religiosidade maranhense. Os termos analisados são considerados metafóricos por refletirem experiências de um domínio mais familiar e cotidiano, que são transferidas para o entendimento de realidades e conceitos próprios do universo religioso.

3.2 A metáfora como fenômeno imprescindível para compreensão da realidade terminológica

A metáfora, como exposto, durante muito tempo foi vista como adereço à linguagem ou simplesmente como um recurso estilístico com o intuito de obter refinamento linguístico. Assim como na língua geral, essa ideia de metáfora também foi preconizada pelos estudos terminológicos, que têm como foco as linguagens especializadas.

Grosso modo, os estudos acerca das palavras em um contexto específico de uso da língua, os termos, começaram a tomar visibilidade a partir da preocupação em estabelecer regras de padronização das terminologias para cada área específica do conhecimento, e foi com esse objetivo que o engenheiro austríaco Eugen Wüster, em Viena, fundou sua Teoria Geral da Terminologia (TGT). Wüster foi fundamental na sistematização do campo da terminologia e na aplicação de métodos rigorosos para a tradução de termos técnicos e científicos, a qual preza pela normalização, monossemia e homogeneidade terminológica (Wüster, 1998). Apesar de toda sua importância, ele não levava em consideração fenômenos inerentes à língua, embora reconhecesse a sua existência, pois para ele, no trabalho de tradução de termos técnicos, por exemplo, era exigido um conhecimento profundo das áreas específicas de conhecimento como medicina, engenharia, dentre outras, e a tradução desses termos deveria ser feita de forma precisa para evitar ambiguidades.

Ampliando essa visão, considerada reducionista para os estudos mais modernos sobre Terminologia, destaca-se Maria Teresa Cabré, principal expoente da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e Cabré (1995, 1999), em que apresenta a dimensão linguística da terminologia. Nessa nova perspectiva, Cabré propõe uma teoria que vai além da simples equivalência de palavras e examina como os conceitos são comunicados por meio dos termos, levando em consideração tanto os aspectos linguísticos quanto os contextos sociais e funcionais desses termos, dando ao termo um caráter poliédrico, contrapondo-se assim à visão unívoca dos termos desejados por Wüster. Com isso, as ideias de monovalência e de univocidade das unidades terminológicas começavam a desvanecer, de forma que o caráter polissêmico assume destaque na visão comunicativa do termo; aspecto de grande valia para nosso estudo sobre a metáfora na terminologia do Tambor de Mina. Em se tratando das metáforas no universo especializado, Silveira (2021) destaca que

Por um largo período, não só a metáfora foi vista sob um prisma tradicional, mas os próprios estudos terminológicos também o foram. Isso ocorreu devido ao fato de que a vertente tradicional da terminologia, a TGT, buscava precisão denominativa, ansiando por uma linguagem mais objetiva e sem ruído na comunicação. A metáfora não era desconhecida por esses estudiosos de cunho normativista, apenas não era considerada nessa visão tradicional. As reformulações desses ideais resultaram em novas abordagens, considerando, então, a dimensão linguística na Terminologia, o que gerou novos postulados, abrangendo os fenômenos da língua, entendendo-os como fundamentais na descrição da realidade terminológica. Assim, fenômenos como a metáfora, a polissemia, a sinonímia, passam a ser considerados intrínsecos também ao universo especializado (Silveira, 2021, p. 56).

Desta forma, entende-se a TCT como uma ampliação das propostas terminológicas,

um novo modelo teórico que concebe o termo como unidades lexicais que predominam nos discursos técnicos e científicos e que também estão sujeitos a fenômenos linguísticos como a polissemia e a sinonímia, uma vez que se manifestam no plano comunicacional da língua. Assim, “as terminologias são unidades lexicais, e como tal, componentes naturais dos sistemas linguísticos” (Krieger, 2000, p. 215).

A TCT assume uma abordagem funcionalista e percebe a eficácia comunicativa mesmo diante de variações conceitual e denominativa, reconhecendo a diversidade das línguas existentes nas atividades sociais dos falantes. Por isso, a teoria se volta para o funcionamento da linguagem nos variados campos restritos do conhecimento profissional e cultural, e se institui como uma visão multifacetada do termo. Nesse ponto de visto, Cabré (2005) considera o termo como

[...] unidades singulares e ao mesmo tempo similares a outras unidades de comunicação, dentro de um esquema global de representação da realidade, que admite a variação conceitual e denominativa, e tem em conta a dimensão textual e discursiva dos termos (Cabré, 2005, p. 120, tradução nossa).

Em virtude disso, a TCT se destaca por incluir fenômenos linguísticos, cognitivos e comunicativos no universo especializado, considerando-os de suma importância para sua compreensão. Vale destacar que não foi só Cabré (1999; 2005) que trabalhou com esse tipo de abordagem, há outros autores¹ que se debruçaram sobre o assunto, para desenvolver postulados sob diversos prismas. Entretanto, em uma visão geral, todos acreditam/acreditavam que a Terminologia não poderia ser regida por uma noção de uniformidade das unidades lexicais nos campos especializados e que ela não poderia ser dissociada do contexto social e cultural.

Em síntese, muitas pesquisas contemporâneas são ancoradas nos pressupostos da TCT, mas é preciso lembrar que a TGT teve um papel fundamental para os estudos iniciais acerca da terminologia e, mesmo com limitações, é uma teoria que preconizou os estudos da TCT e outras que surgiram durante o avanço notável das pesquisas terminológicas.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista o objetivo deste trabalho, que é realizar análises dos termos metafóricos do universo do Tambor de Mina, em São Luís -MA, a investigação se deu pela abordagem qualiquantitativa, em função da tarefa de listagem e contagem dos termos desse universo, bem como pela descrição e tratamento deles; possui caráter documental, realizado pelo levantamento bibliográfico com tendência analítico-descritiva.

Para tanto, inicialmente, foram realizadas pesquisas bibliográficas acerca (i) da visão social e antropológica do Tambor de Mina, com base nos trabalhos de Ferreti (2012, 2025); (ii) dos aspectos teóricos da metáfora cognitiva, dando ênfase à Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), de Lakoff e Johnson (1980, 2015); e, (iii) dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), sobretudo fundamentados nos trabalhos de Cabré (1999), que concebe o elemento comunicativo das linguagens técnicas, reconhecendo as variações das unidades terminológicas,

¹Gaudin (1995), com a Socioterminologia; Temmerman (2000), com a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST); Diki-Kidiri (2000), com a Terminologia Cultural (TC).

tanto de seu âmbito conceitual quanto denominativo. Para o desenvolvimento do trabalho, adotamos a concepção empirista da Linguística de Corpus, que é o campo da Linguística que recorre à coleta e análise de materiais escritos, ou seja, do conjunto de dados linguísticos verificados em textos, efetuado por falantes reais em seus discursos (Sardinha, 2004).

Para a construção do *corpus*, consideramos, primeiramente, o ‘Glossário da Mina’, resultado da dissertação de mestrado intitulada ‘O léxico do Tambor de Mina: uma proposta de glossário da linguagem afro-religiosa em São Luís’, de Silva (2009). Somado a esse trabalho, selecionamos 10 trabalhos científicos publicados nas plataformas digitais que versam sobre o Tambor de Mina praticado no estado do Maranhão, a exemplo de teses e dissertações, os quais foram baixados em *pdf* nos repositórios acadêmicos, como podemos observar no Quadro 1.

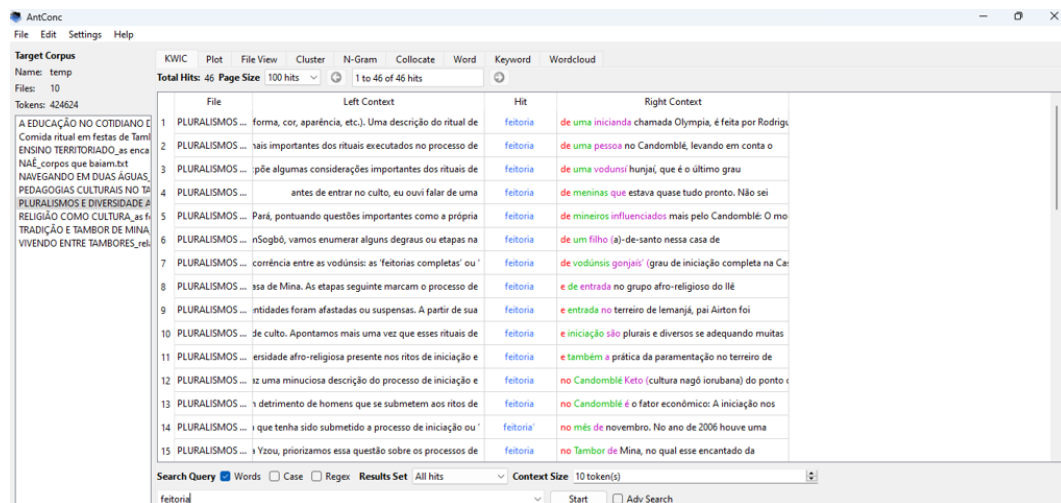
Quadro 1 – Textos utilizados para construção do *corpus*

Título	Autor/Ano	Gênero
Naê: Corpos que baiaem, um toque de mina como percepção para o dançarino.	Ferreira (2019)	Dissertação
Tradição e Tambor de Mina: a tradição como estratégia de existência dos terreiros de tambor de Mina.	Abreu (2005)	Dissertação
Pluralismo e diversidade afro-religiosa em terreiros de Mina no Maranhão: um estudo etnográfico do modelo ritual do Ilê Ashé Ogum Sogbô.	Lindoso (2007)	Dissertação
Ensino territorializado: as encantarias das minas e a educação quilombola na baixada ocidental maranhense.	Mendes (2022)	Dissertação
Pedagogias culturais no Tambor de Mina do Maranhão.	Matos (2022)	Dissertação
Navegando em duas águas: Tambor de mina e pajelança em São Luís do Maranhão na virada do século XIX para o XX.	Santos (2014)	Dissertação
Vivendo entre tambores: Relações entre o bumba-meu-boi e o tambor de mina em São Luís do Maranhão	Ramos (2019)	Dissertação
A educação no cotidiano do terreiro: saberes e práticas culturais do Tambor de Mina na Amazônia	Neto (2008)	Dissertação
Religião como cultura? As festas do divino, o tambor de mina e o regime patrimonial.	Leal (2018)	Artigo
Comida ritual em festas de Tambor de Mina no Maranhão.	Figueiredo Ferretti (2011)	Artigo

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em seguida, fizemos a conversão individual de todos os arquivos baixados para o formato *Word*, para assim, realizar a limpeza dos escritos (descarte de imagens, gráficos, números, tabelas). Na sequência, salvamos os textos em formato *txt* e os introduzimos no programa computacional *Antconc*, em que foi possível fazer a identificação e seleção dos termos do universo ora analisado, sobretudo nas ferramentas *Word* e *KWIC*. Desse modo, a organização do material e busca de informações necessárias para a observação e interpretação dos dados.

FLP 27(1)

Figura 1 – Interface do *Antconc* da ferramenta KWIC

Fonte: *Antconc*.

Após as leituras e percepção das metáforas presentes no léxico especializado do Tambor de Mina, fizemos a seleção dos termos metafóricos para serem analisados. Para efeito deste trabalho, selecionamos cinco termos. São eles: 'baixar', 'cair na mina', 'feitoria', 'joia' e 'puxar'.

5 ANÁLISE DOS TERMOS METAFÓRICOS DO UNIVERSO DO TAMBOR DE MINA

O repertório terminológico do universo do Tambor de Mina - MA nos revela um universo profundamente imerso em uma riqueza cultural e simbólica, sendo um dos principais elementos da religiosidade afro-brasileira, particularmente associada às tradições de cultos afrodescendentes, como o Candomblé, a Umbanda e outras práticas espirituais. Considerando essa realidade, ao analisarmos esses termos sob o prisma da metáfora conceitual, podemos compreender melhor como os indivíduos estruturam e organizam esse conhecimento, a partir de suas experiências que são refletidas no ato de nomear as entidades presentes nesse universo.

Para melhor compreensão, vejamos o Quadro 2, em que apresentamos a

FLP 27(1)

distribuição dos termos conforme os campos semânticos.

Quadro 2 – Distribuição dos termos analisados conforme os campos semânticos

Termo metafórico	Variante	Campo semântico	Definição (Silva, 2009)
‘baixar’	‘descer’	Entidades	Incorporar no corpo do elegum provocando o estado de transe.
‘cair na mina’	—	Outros	Dançar nas festas rituais pela primeira vez.
‘feitoria’	‘iniciação’	Festas e Rituais	Processo de iniciação no tambor de mina, em que a pessoa se prepara para ser filho-de-santo.
‘joia’	‘prenda’	Outros	Donativo ofertado para a realização de uma festa.
‘puxar’	‘abrir o trabalho’	Outros	Cantar uma doutrina no momento do toque, iniciando uma sequência de entoações desta mesma doutrina pelos demais filhos-de-santo.

Fonte: Elaborado pelos autores.

No Quadro 2, é possível observar os campos semânticos a que os termos analisados estão vinculados. Discorrer sobre os campos semânticos na terminologia do Tambor de Mina é importante, porque ajuda a entender como as palavras, os termos e as expressões utilizadas não são apenas repertório de um universo específico, mas que carregam significados profundos, representações simbólicas e relações que vão além do seu uso literal. Essa organização e articulação de termos dentro de uma rede semântica reflete uma visão de mundo específica e um modo de interpretar a realidade.

Neste estudo, trabalhamos com os campos ‘outros’ (que compreendem ações, elementos da culinária *etc.*), ‘entidades’ e ‘festas e rituais’. Vamos às análises.

a) ‘baixar’

O termo ‘baixar’, que segundo Silva (2009, p. 89) significa “Incorporar no corpo do elegum², provocando o estado de transe”, apresenta escopo metafórico para expressar conceitos espirituais. De maneira literal, segundo o dicionário Houaiss, doravante DH, ‘baixar’ refere-se ao movimento de algo que sai de um lugar mais alto para um mais baixo, diminuir de altura. Em sentido mais restrito, o DH registra ‘baixar’ com rubrica de REL (religião), e o Dicionário Aurélio (DA), como brasileirismo, mas ambos se referem à manifestação de um espírito/orixá/caboclo no corpo ou espírito de alguém; ‘incorporar’. Como termo, no Tambor de Mina, se propõe a descrever o momento em que uma entidade espiritual incorpora em um médium, que entra num estado de transe. O termo assim, não se refere a um simples movimento, mas a uma manifestação espiritual, sobre a qual se faz referência de algo que veio do alto para alcançar a esfera terrena, sugerindo uma conexão entre o mundo espiritual e o material. Em outras palavras, o mundo espiritual representaria o lugar mais alto, enquanto o mundo terreno, o mais baixo. A metáfora ‘baixar’ reforça a ideia de uma hierarquia espiritual, onde as entidades estão em um plano superior e descem para se comunicar com os humanos.

O termo ‘baixar’ é uma metáfora que abarca a dinâmica espiritual do Tambor de

²Aquele que entra em transe (Silva, 2009, p. 97).

Mina, pois não apenas descreve o fenômeno da incorporação, mas também expressa a ideia de que o sagrado e o profano se encontram, na manifestação do mundo espiritual no humano, acreditando na possibilidade de conexão entre os planos.

O mesmo ocorre com a variante ‘descer’. Ainda de acordo com o DH, ‘baixar’ tem em uma de suas acepções ‘fazer descer’, que se associa com a ideia do movimento que a entidade faz ao incorporar um médium. Outro ponto a ser destacado nesse conceito está relacionado às metáforas orientacionais, em que são utilizados conceitos como direção, posição e movimento para compreender experiências mais abstratas ou complexas. É o que acontece em ‘baixar/descer’, ao expressar entidades em contextos culturais ou religiosos. Nesse sentido, as metáforas orientacionais não apenas fornecem uma forma de entender o mundo de maneira mais acessível, mas também refletem as crenças, valores e práticas de uma comunidade.

b) ‘cair na mina’

Para o Tambor de Mina, ‘cair na mina’ significa dançar pela primeira vez nas festas rituais, de modo a marcar o início do envolvimento mais profundo de uma pessoa na prática religiosa. A ideia de cair traz um contexto metafórico para o ato de entregar-se ao sagrado, onde o indivíduo deixa de ser um observador ou participante passivo para se tornar parte ativa do ritual. É um momento de transformação, onde **cair** no sentido de ‘se entregar ao fluxo espiritual e ao ritual’. No DH, por extensão de sentido cair está relacionado a ‘entrar em determinado estado’, como ocorre no universo ora estudado.

De acordo, ainda, com suas conceituações de âmbito geral, ‘cair’ remete à ação de perder o equilíbrio e descer ao chão. Desse modo, ‘cair’ é o elemento mais genérico do composto sintagmático e considerado o elemento metafórico. Enquanto ‘mina’ é o elemento que atribui o conceito específico ao termo. Assim como na análise anterior, é possível observar o traço ‘movimento’ e ‘orientação’ para compreensão do conceito ‘cair na mina’.

Dessa forma, ‘cair na mina’ celebra um rito de passagem (movimento), um processo de inclusão e pertencimento, em que a pessoa é formalmente introduzida na prática religiosa e passa a ser reconhecida como parte da comunidade espiritual, apontando uma metáfora que explica a experiência de iniciação e integração no Tambor de Mina, como podemos observar no seguinte trecho:

As pessoas começam a freqüentar os terreiros de tambor de mina ainda crianças. Geralmente os pais e parentes, não tendo com quem deixar os filhos, sobrinhos e netos, levam-nos para as festas e rituais dos terreiros. Nessas idas e vindas das crianças nos terreiros, elas vão compreendendo e aprendendo o sentido do tambor de mina e, quando se tornam adultas, já adquiriram o sentido prático e o habitus desta religião. Algumas pessoas começam a **cair na mina** muito cedo, ainda crianças. Quando isso acontece, é necessário prepará-las ao longo dos anos, para que quando chegue a idade adulta possam passar por processos de iniciação e, assim, tornem-se filhos ou filhas-de-santo. (Abreu, 2005, p. 165, grifo nosso).

c) ‘feitoria’

Nos contextos de uso geral, segundo o DH, ‘feitoria’ remete a um local ou sistema de produção, onde há organização, trabalho e transformação de matérias-primas. A relação metafórica pode ser inferida na associação de traços semânticos dos conceitos

FLP 27(1)

geral para o especializado. Assim, como no contexto geral, ‘feitoria’, no Tambor de Mina, está relacionado ao processo de transformação. Nesse contexto, o indivíduo que vai ser iniciado é como uma matéria-prima que precisa ser trabalhada e refinada para se tornar um filho-de-santo. O processo de iniciação é visto como um trabalho espiritual, em que o indivíduo é preparado para receber as entidades e cumprir seu papel na comunidade.

Assim, o cunho metafórico do termo é percebido por meio do traço ‘transformação’, pois da mesma forma que uma ‘feitoria’ (física) apresenta ordem, disciplina e produção, a ‘feitoria’ (espiritual) implica um ritual estruturado, com etapas claras e orientação dos mais experientes, para chegar ao modelo almejado. Uma metáfora que estabelece a descrição do processo de iniciação no Tambor de Mina como um trabalho espiritual de transformação, aprendizado e integração.

d) ‘joia’

No contexto do Tambor de Mina, ‘joia’ ultrapassa seu significado material e adquire um valor simbólico profundo, representando uma doação, uma oferta, um presente que vai muito além do objeto em si. Nesse contexto, joia não é apenas um objeto de beleza ou valor monetário, mas um símbolo que apresenta a dedicação, o respeito e a gratidão aos orixás e aos ancestrais. É uma oferta que demonstra o compromisso do indivíduo com a tradição e com a comunidade. Por extensão de sentido, ‘joia’ refere-se a uma coisa ou pessoa de grande valor ou especialmente importante, como o donativo ofertado para a realização de uma festa. Assim, na realização de práticas e rituais do Tambor de Mina, são usados termos que se referem a objetos concretos e conhecidos na língua geral, como **joia**, de modo que esse valor físico do objeto possa ser representado simbolicamente de forma abstrata e entendida no universo religioso.

e) ‘puxar’

O termo ‘puxar’ na terminologia do Tambor de Mina é definido por Silva (2009, p. 110) como: “Cantar uma doutrina no momento do toque, iniciando uma sequência de entoações desta mesma doutrina pelos demais filhos-de-santo”. Vale destacar que no DH, não há registro de ‘puxar’, apenas no DA, em que encontramos com aceção de ‘começar’, fazendo referência à música ou reza. Esse ato demonstra a importância da música e da voz na condução da experiência religiosa, simbolizando a liderança no ritual e a comunicação com o sagrado. Quem **puxa**, direciona os demais no ritual, pois, ao iniciar o canto, o puxador está convidando os outros a participarem de uma experiência espiritual. Seu cunho metafórico se dá a partir da concepção de ‘puxar’ como conduzir, pois o ‘puxador’ é como um condutor que direciona todos os passageiros para o mesmo destino, como podemos observar no trecho a seguir:

Os conflitos decorrentes dessa comemoração iniciaram quando a mãe-de-santo do terreiro convidou um amigo, que também era filho-de-santo de pai Mábio Júnior, para **abrir o trabalho**, isto é, ‘puxar’ as primeiras doutrinas (músicas), comandando o toque do tambor (Neto, 2008, p. 134, grifo nosso).

Assim, ‘puxar’, no universo ora estudado, vai além de seu uso comum na língua geral, adquirindo uma carga simbólica e ritual específica. Na língua geral, puxar refere-se, de forma genérica, a uma ação física que implica mover algo concreto em direção a si. No contexto religioso do Tambor de Mina, entretanto, esse movimento se torna mais

FLP 27(1)

abstrato: ao iniciar um canto ritual, o puxador conduz não objetos, mas pessoas, emoções e energias espirituais. A metáfora se constrói, portanto, pela transposição do sentido físico de movimentar para o campo simbólico da liderança espiritual e da ativação do rito. Nesse sentido, quem puxa (canta) uma doutrina está guiando os demais participantes na experiência religiosa, agindo como elo entre o plano terreno e o plano sagrado.

De todas as suas conexões com a cultura afro-brasileira, podemos destacar a importância da oralidade no rito, sendo o canto uma das principais formas de transmissão do conhecimento e da cultura. O ato de ‘puxar’ reforça essa doutrina e o sentido de comunidade.

5.1 Quanto à dicionarização dos termos metafóricos

Para a elaboração das análises, como exposto, consultamos dicionários gerais de língua portuguesa, a fim de compreender melhor os traços que associam os conceitos da língua geral com o universo em estudo, a partir dos termos que possuíam definições nesses dicionários. O Quadro 3 apresenta a dicionarização dos termos metafóricos analisados neste trabalho. Vejamos:

Quadro 3 – Quanto à dicionarização dos termos metafóricos analisados

Termos	Aurélio (2010)	Houaiss (2009)
‘baixar’	O	O
‘cair na mina’	X	X
‘feitoria’	*	*
‘joia’	*	*
‘puxar’	X	O

Fonte: Elaborado pelos autores.

FLP 27(1)

No quadro, é possível observar que ‘cair na mina’ foi o único termo que não foi registrado em nenhum dicionário (Houaiss e Aurélio), isso porque se trata de um composto sintagmático. ‘Puxar’ também não foi registrado no DH. Quanto aos termos registrados nos dicionários gerais, destacamos ‘feitoria’ e ‘joia’. Esses termos estão com acepção geral, como no primeiro caso referindo-se ao cargo de feitor, ‘ação de fazer’. Já no segundo caso, refere-se ao objeto, ‘material de valor’. Como vimos nas análises anteriores, a conformação das metáforas se dá justamente na associação desses traços semânticos utilizados na língua geral com o universo especializado.

No que tange aos termos dicionarizados com acepção utilizada no Tambor de Mina, encontramos ‘baixar’ e ‘puxar’, dois verbos de ação que são utilizados com frequência nesse universo. ‘Baixar’, no DA, é registrado como brasileirismo, que significa ‘incorporar’; enquanto que no DH, embora mesmo tenha o mesmo sentido em sua acepção, é registrado com rubrica REL. Os registros de rubrica nos dicionários são importantes porque ajudam a organizar e estruturar a informação/conhecimento revelando o uso especializado dos termos, que podem estar presentes em diferentes universos. No caso de ‘baixar’, foram registradas, ainda, as rubricas JUR (jurídico) e INF (informática). O termo ‘puxar’ no DA não possui registro de rubrica. Entretanto, apresenta a mesma rubrica do universo do Tambor de Mina, a saber: ‘começar música, reza etc.’.

Os registros desses termos nos dicionários com as acepções utilizadas no Tambor de Mina demonstram, de alguma forma, como a sociedade já incorporou em seu léxico esses conceitos especializados, uma vez que ‘puxar’, por exemplo, é uma ação realizada em diversas religiões. Em contrapartida, ‘cair na mina’, ‘feitoria’, por exemplo, são termos que revelam nuances mais específicas, por se tratar de ações particulares dentro da manifestação religiosa investigada, o que torna seu uso mais restrito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metáfora, como mecanismo cognitivo fundamental, revela-se como um instrumento poderoso na construção de significados em diversos contextos culturais. No universo do Tambor de Mina em São Luís, esse repertório é rico em simbolismo e tradição, além de ser permeado por metáforas que moldam a compreensão de conceitos religiosos e sociais. Cada expressão metafórica carrega consigo uma carga simbólica que conecta os praticantes a seus ancestrais, suas crenças e seu território, criando um espaço de resistência.

A análise das metáforas no universo do Tambor de Mina revela uma linguagem profundamente simbólica, que conecta o sagrado, o natural e o humano. Essas metáforas não apenas comunicam conceitos religiosos, mas também reforçam a identidade cultural e a resistência de uma tradição que se mantém viva e dinâmica. Para uma compreensão aprofundada, é imprescindível que a análise das metáforas se combine com um estudo mais amplo do contexto cultural e religioso, considerando as interações entre as práticas cotidianas e as dimensões espirituais da comunidade.

Com base nos termos analisados, chegamos a algumas considerações:

- a. ‘baixar’: remete à metáfora orientacional, em que **o sagrado é acima / o humano é abaixo**, reforçada por outras expressões do universo religioso que utilizam esse eixo vertical (como ‘baixar’ ou ‘subir’ o santo);
- b. ‘cair na mina’: remete à metáfora estrutural, pois projeta a experiência corporal (cair, perder o equilíbrio, ir ao chão) sobre o domínio abstrato da transformação espiritual e integração religiosa. Remete-se também à metáfora orientacional, pois basea-se no esquema corporal de movimento de cima para baixo (cair = descer), que, no Tambor de Mina, não simboliza queda negativa ou perda, mas sim imersão espiritual e acolhimento pela dimensão sagrada, em que **entrar no universo religioso é cair em um espaço sagrado**;
- c. ‘feitoria’: remete à metáfora estrutural, ao tomar como base um domínio familiar (produção/trabalho) usado para estruturar a compreensão de um domínio mais abstrato (formação espiritual/ iniciação religiosa); assim, cada parte da iniciação (aprendizado, disciplina e transformação) é entendida à luz das etapas de produção (matéria-prima, processo e produto acabado), que na Mina, inicia com a pessoa sem nenhuma experiência até se tornar filho-de-santo. Logo, **a iniciação religiosa é um processo de produção/transformação**;
- d. ‘joia’: remete à metáfora ontológica, pois transforma uma experiência abstrata (oferecer respeito e devoção ao sagrado) em algo concreto, representado pelo objeto físico joia; desse modo, entendemos que **o ritual de oferta é uma joia**;

FLP 27(1)

- e. ‘puxar’: remete à metáfora estrutural, porque toma como base uma ação física (puxar algo em alguma direção) para estruturar uma ação mais abstrata (iniciar um canto sagrado). Assim, **puxar é guiar uma travessia espiritual**.

Em síntese, destacamos algumas classificações das metáforas conceituais a partir das análises das metáforas linguísticas presentes neste texto. Entretanto, essas classificações não devem ser entendidas como categorias rígidas ou exclusivas, uma vez que cada metáfora pode apresentar, além de sua classificação principal, nuances secundárias e implicações implícitas que enriquecem sua compreensão. Dessa forma, a análise metafórica deve sempre considerar a complexidade e a multiplicidade de sentidos que coexistem nas práticas e discursos do Tambor de Mina. Outrossim, essas metáforas não apenas comunicam conceitos religiosos, mas também reforçam a identidade cultural e a resistência de uma tradição que se mantém viva e dinâmica.

As metáforas analisadas no contexto do Tambor de Mina evidenciam a intrínseca relação entre metáfora e cultura, uma vez que a metáfora constitui um mecanismo cognitivo fundamental para a construção e transmissão dos sistemas simbólicos e práticas sociais. Ao deslocar significados de termos da língua geral para usos ritualísticos específicos, as metáforas não apenas refletem experiências culturais, mas também estruturam e moldam a percepção do mundo, os valores e as relações sociais dentro da comunidade.

Dessa forma, a metáfora atua como um instrumento cultural que viabiliza a compreensão e a expressão das crenças e rituais, configurando-se como um elo entre os domínios cognitivos e o universo simbólico da religiosidade maranhense. Nesse sentido, a análise das metáforas linguísticas permite revelar como a cultura se materializa no discurso e como as práticas culturais são cognitivamente mediadas e perpetuadas.

FLP 27(1)

O uso de metáforas revela, ainda, como os indivíduos enxergam uma determinada realidade, permitindo uma melhor compreensão dessa identidade afro-religiosa bem como seus rituais e seu sincretismo religioso, o que corrobora a valorização da cultura afro-brasileira, conectando com a história e a memória coletiva. Isso porque, as metáforas cognitivas permitem entender abstrações de forma mais concretas, utilizando as experiências humanas como base nesse processo de compreensão.

Dessa forma, este trabalho visa não apenas mapear e interpretar as metáforas presentes no universo do Tambor de Mina, mas também ressaltar a importância da linguagem como um elemento estruturante da experiência religiosa e da memória coletiva. Esperamos que este estudo contribua para um melhor entendimento da complexidade e da riqueza da linguagem dessa tradição cultural, abrindo portas para futuras investigações sobre o papel da metáfora em outras manifestações culturais afro-brasileiras.

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Os autores declaram que não foi feito uso de IA na redação do texto.

Recebido em março de 2025
Publicado em dezembro de 2025

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. M. **Tradição e Tambor de Mina**: a tradição como estratégia de existência dos Terreiros de Tambor de Mina. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.
- CABRÉ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, p. 299-307. 1995.
- CABRÉ, M. T. **La Terminología**: representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- CABRÉ, M. T. **La Terminología**: representación y comunicación: elementos para uma teoria de base comunicativa y otros artículos. Girona: Documenta Universitaria, 2005.
- FAULSTICH, E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **Tradterm**, v. 7, p. 11–40. 2001.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FERRETTI, M. Tambor-de-Mina em São Luís: dos registros da Missão de Pesquisas Folclóricas aos nossos dias. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 3, n. 6, p. 89-105, Mar. 2012.
- FERRETTI, M. A mulher no tambor de mina: Análise da posição e representação da mulher e das entidades espirituais femininas no tambor de mina do Maranhão. **Mandrágora**, v. 3, n. 3, p. 33–41. 2025.
- FILLMORE, C. J. Scenes and frames semantics. In: SHIBATANI, M. I.; THOMPSON, S. **Essays in Semantics and Pragmatics**: In Honor of Charles J. Fillmore. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1975.
- FILLMORE, C. J.; BAKER, C. A Frames Approach to Semantic Analysis. In: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: OUP, 2009. p. 313-339.
- GAUDIN, F. Usages sociaux des termes : théories et terrains. **Meta**, Montréal, v. 40, n. 2, p. 193-329, Jun. 1995.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). **Tambor de crioula do Maranhão**. Brasília: Iphan, 2007. (Dossiê IPHAN, 15).
- KÖVECSES, Z. **Metaphor in culture**: universality and variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- KRIEGER, M.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São

Paulo: Contexto, 2020.

KRIEGER, M. Terminologia revisitada. **D.E.L.T.A.**, v. 16, n. 2, p. 209-228. 2000.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2015.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MARTINS, A. F.; MARTINS, V. P. S. **Estudos do léxico**: aportes teóricos para pesquisa terminológica e fraseológica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

NETO, J. C. M. **A Educação no Cotidiano do Terreiro**: saberes e práticas culturais do Tambor de Mina na Amazônia. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2008.

SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manoel, 2004.

SILVA, A. J. **O léxico do Tambor de Mina**: uma proposta de glossário da linguagem afro-religiosa em São Luís. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2009.

SILVEIRA, T. S. **Metáfora na terminologia do petróleo no espaço da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP)**: Angola, Brasil e Portugal. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

TEMMERMAN, R. Sociocognitive terminology theory. *In*: CABRÉ, M.T., FELIU, J. (ed.). **Terminología y cognición II**. Simposio Internacional de Verano de Terminología (13-16 de julio de 1999). Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 2001. p. 75-92.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y terminografía terminológica**. Tradução: María Teresa Cabré. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1998.

FLP 27(1)